

EFEITOS DA APRENDIZAGEM DE HABILIDADES DE AUTOCONTROLE EM CRIANÇAS HIPERATIVAS

Francisco de Paula Nunes Sobrinho*

A educação de crianças portadoras de Distúrbio Deficitário da Atenção com Hiperatividade, conforme descrito no **DMS-III** *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (1980), ou simplesmente crianças hiperativas, tem se constituído tarefa desafiadora. Os rotulados de hiperativos exibem atividade motora exagerada, observando-se acentuadas mudanças posturais quando na posição sentada (Nunes, 1985). Dependuram-se em cortinas, sobem em armários, deixam de completar tarefas, são impulsivos e evidenciam dificuldades de compreensão para seguir ordens. No nosso meio, a questão se agrava pelos modos como essas crianças costumam ser identificadas, encaminhadas, avaliadas, rotuladas, triadas e acomodadas em programas distanciados de uma perspectiva de integração. Considere-se que esta população infantil exhibe características comportamentais que se assemelham mais do que se diferenciam das características dos seus pares ditos normais.

Embora as autoridades educacionais discurssem sobre modelos conceituais facilitadores de uma ação pedagógica eficaz para os desviantes, de uma maneira geral, esse discurso se perde e as práticas não se concretizam no ambiente natural da escola. Ad-

mite-se mesmo certa intolerância do sistema educacional para abordar questões disciplinares e problemas comportamentais associados. Trata-se de uma população desconsiderada, a ponto de figurar como inelegível para os benefícios da própria educação.

Considera-se que parte da responsabilidade pelo que ocorre atualmente com os supostos desviantes recai sobre a qualidade dos programas instrucionais, assim como a ausência de cursos de atualização e capacitação de professores, no sentido de manter essas crianças no ensino regular.

Dentre os modos de lidar com distúrbios de conduta, problemas comportamentais e/ou disciplinares, os programas de treinamento de habilidades de autocontrole vêm recebendo atenção especial por parte dos especialistas. No caso específico da hiperatividade, essa prática demonstrou relativa eficácia. Quando comparados aos procedimentos mais tradicionais, os programas de autocontrole induzem a criança a um papel ativo, mesmo na presença de um agente modificador externo do seu comportamento. Ao adquirir habilidades de autocontrole, a criança passa a se envolver diretamente com suas próprias mudanças. Além desses aspectos, a possibilidade de generalização de respostas para outros ecossistemas parece ocorrer mais facilmente na medida em que a presença do agente modificador externo torna-se desnecessária.

Com o objetivo de ensinar crianças a se utilizarem de mecanismos que garantam a sua permanência em ambiente educacional menos segregado possível, foi desenvolvido um programa de treinamento de habilidades de autocontrole em três crianças,

* Do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

sendo duas do sexo masculino e uma do sexo feminino, na faixa etária de nove a 12 anos, identificadas como portadoras de distúrbio deficitário da atenção com hiperatividade. O objetivo do programa foi ensinar a essas crianças a utilizar estratégias cognitivo-comportamentais na resolução de problemas cotidianos, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Concomitantemente, foram verificados os efeitos dessa intervenção.

As crianças participaram individualmente de 16 sessões consecutivas realizadas duas vezes durante a semana. Essas sessões foram videogravadas e serviram de principal fonte de coleta de dados. Os episódios ocorridos durante as sessões foram colocados em categorias e analisados conforme as variáveis descritas a seguir. Escalas de avaliação contendo dados sobre características de hiperatividade foram aplicadas pelos pais das crianças, assim como pelos professores. Pelo menos seis encontros foram realizados individualmente com os pais das três crianças no sentido de serem informados a respeito do modo como consequenciar respostas apropriadas. De uma maneira geral, houve colaboração tanto da família quanto da escola, principalmente pelas informações periódicas concedidas sobre o desempenho da criança em diferentes situações.

Nesse estudo, as seguintes variáveis foram estudadas em delineamento quase-experimental intra-sujeito do tipo AB (linha de base e intervenção):

Autocontrole — a criança deveria seguir os passos sempre que solicitada a resolver problemas cotidianos. Por exemplo: desejar assistir programa de televisão em outro canal quando a mãe está assistindo novela. No caso, duas perguntas iniciais deveriam

ser respondidas pela criança. *Qual é o meu problema?* Mudar de canal; *Quais são as minhas possibilidades ou alternativas para solucioná-lo?* Brigar com a mamãe, pedir a mudança de canal, chorar, implorar, desistir da idéia. Após responder a essas duas primeiras perguntas, a criança deveria se *concentrar* na situação-problema. A seguir, solicitava-se a ela a *escolha* de uma única resposta para o problema. Finalmente, era-lhe proposto a *verificação das conseqüências* da resposta escolhida como solução definitiva. Utilizando-se do Sistema de Fichas, num período aproximado de 30 minutos, o observador consequenciava positivamente a criança desde que esta cumprisse a seqüência correta dos passos propostos. Essas fichas eram, então, trocadas por itens previamente escolhidos (revistas, lápis, borrachas, etc).

Seguir ordens — a criança deveria responder a qualquer solicitação do observador (estagiário-bolsista) após três segundos no máximo.

Completar tarefas — a criança deveria concluir a tarefa ou a execução de ordem apresentada verbalmente em período de tempo previamente determinado.

Estar na tarefa — na posição sentada, a criança deveria direcionar o olhar para o texto localizado sobre a superfície de trabalho (tampo da mesa) e permanecer escrevendo ou posicionando o lápis de modo apropriado para a tarefa.

Ritmo respiratório — em decúbito dorsal, de olhos fechados e com o exemplar de um livro apoiado sobre o abdômen, a criança era solicitada a respirar o mais lentamente possível. O observa-

dor registrava, então, o número de vezes que o livro subia e descia alternadamente sobre o seu abdômen.

A dinâmica das sessões ocorria sob a forma de episódios de interação criança/observador que se sucediam naturalmente, durante a realização de tarefas propostas, conforme abaixo:

Breve "bate-papo"— interação verbal, durante aproximadamente 10 minutos, quase sempre iniciada pelo observador, cujo conteúdo limitava-se a assuntos gerais e do cotidiano da criança.

Hora do banco — a criança realizava transações com as fichas adquiridas. Essas transações, com duração aproximada de 10 minutos, consistiam em depósito para crédito em sessões posteriores e compra obrigatória de pelo menos um item (revista em quadrinhos, pulseiras, lápis, canetas ou pequenos brinquedos).

Relaxamento — ao final da sessão, a criança era convidada a relaxar o corpo e respirar o mais lentamente possível por um período de oito minutos.

Os resultados preliminares indicaram que as crianças aprenderam a se utilizar de passos como estratégia para solucionar problemas do cotidiano escolar e familiar. Essa aprendizagem foi demonstrada na medida em que, expostas a situações pro-

blemáticas simuladas ou não, elas modificaram o seu repertório anteriormente considerado desadaptativo. O que se pretendeu ensinar a essas crianças foi *parar e pensar*, conforme sugerido por Kendall e Braswell (1985). Providas desse repertório comportamental modificado, essas crianças teriam a oportunidade de freqüentar a sala de aula regular com êxito. Entretanto, resta-nos verificar se o hábito do parar e pensar foi mantido, mesmo fora do local das sessões, ressaltando-se as contingências que os mantinham nos microssistemas envolvidos. Outros estudos poderiam ser conduzidos para aprimorar esse procedimento educacional.

Referências bibliográficas

DIAGNOSTIC and statistical manual of mental disorders — DSM-III. 3.ed. [S.l.]: American Psychiatric Association, 1980.

KENDALL, P.C., BRASWELL, L. *Cognitive-behavioral therapy for impulsive children*. New York: Guilford, 1985.

NUNES, F.P. *An experimental analysis of the effect of design on body motion: oral reading accuracy and reading comprehension of hyperactive students*. [S.l.], 1985. Tese (Doutorado) — Vanderbilt University.